



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS**

**O DISCURSO POLÍTICO NO GÊNERO CHARGE:  
UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA  
SEMIOLINGUÍSTICA DE CHARAUDEAU**

MACAPÁ

2016

**ALINE COLARES MORAES**

**O DISCURSO POLÍTICO NO GÊNERO CHARGE:  
UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA  
SEMIOLINGUÍSTICA DE CHARAUDEAU**

Trabalho apresentado como requisito final para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras e Artes do Departamento da Universidade Federal do Amapá.

Orientador prof. Me. Rosivaldo Gomes.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Rosivaldo Gomes – Orientador  
Universidade Federal do Amapá  
Curso de Letras – Francês

---

Prof. Dr. Rafael Pontes – Avaliador  
Universidade Federal do Amapá  
Curso de Bacharel em Jornalismo

---

Prof. Dra Martha Zoni – Avaliadora  
Universidade Federal do Amapá  
Curso de Letras – Francês

Macapá, 28 de março de 2016

*Dedicado à minha tia querida Almira (in memoriam)  
que sempre me acolhia em sua casa nos dias  
corridos e que se alegrava com as minhas  
conquistas.*

## AGRADECIMENTOS

Expresso aqui a minha mais sincera gratidão:

Primeira e especialmente a Deus, pela vida e por ter me direcionado ao longo dos anos de graduação.

Aos meus amados pais, Alba Nize e Rui a quem devo toda a minha educação e formação. Em especial à minha mãe que acompanhou diretamente o meu crescimento e amadurecimento profissional e sempre esteve ao meu lado mesmo diante das dificuldades.

À Cris pelo incentivo, apoio e por acreditar em mim quando muitas vezes a mim mesmo faltou confiança. À minha amada irmã Alice, maior incentivadora à minha ingressão no curso de Letras, que nunca mediu esforços para me ajudar, aconselhar, clarear as dúvidas tanto na área profissional quanto pessoal e por ter estado presente dando-me palavras de conforto quando a ansiedade e o medo surgiram.

Ao meu cunhado Elias, também um grande incentivador, por sempre me ajudar quando mais precisei. Aos meus sobrinhos amados, Davi e Isabela. Ainda não entendem o sentido dessas palavras, nem mesmo o que essa conquista significa para mim, mas que, mesmo sem saberem, me fazem feliz e me inspiram a ser uma pessoa melhor.

Aos dedicados professores que integram o corpo docente do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá. Em especial, ao meu orientador Rosivaldo Gomes o qual se manteve sempre disposto a ajudar, a compartilhar seus conhecimentos e muitas vezes ser, além de professor, um amigo.

Aos amigos e colegas de classe Jéssica, Fernanda, Rayanne, Masayoshi, Gérson, Flávio e Wesley pelo companheirismo, pela amizade, preocupação, cumplicidade, sorrisos e por dividirem os fardos pesados e responsabilidades. Muito obrigada, meus amigos. Meu desejo é que a nossa amizade permaneça independente dos caminhos diferentes.

À irmã e amiga Albaneide que dividiu comigo, durante muitos meses, as mesmas lutas, cansaços e medos, conversas essas sempre regadas de incentivos e palavras de conforto.

Às queridas amigas Rafaelle Caldas, Ruane Almeida, Suany Gouveia e Taiana Dias pela amizade cultivada há anos e que certamente fazem parte das minhas conquistas, pelo incentivo, apoio técnico, consolo, por me fazerem sorrir quando os dias foram difíceis. Aos demais amigos, parentes e irmãos em Cristo da Congregação da Igreja Presbiteriana Central do Pará pelas muitas orações, sem as quais eu não teria chegado até aqui.

*“Não é dos fortes a vitória,  
Nem dos que correm melhor,  
Mas dos fiéis e sinceros  
Que seguem junto ao Senhor!”*

**(F. J. Crosby)**

## RESUMO

No presente trabalho de conclusão de curso buscamos discutir o discurso político contido no gênero charge, a partir da abordagem teórica da Semiologia. Assim, partindo do princípio de que um texto não deve ser analisado apenas através de seus aspectos formais, mas também ser considerado seu contexto sociohistórico e cultural no qual está inserido, buscamos analisar a materialidade verbal e semiótica em charges políticas, através da ideia de que essas são caricaturas de personagens atuantes na área da política do País. O chargista, na posição de enunciador (CHARAUDEAU, 2008) caracteriza essas personagens em conformidade com os acontecimentos do cotidiano, na qual constrói um discurso capaz de expressar ideologias (PÊCHEUX, 1997), utilizando cores, formas, formatos, expressões, situando esse discurso em tempo, espaço e época, para satirizar fatos específicos de conhecimento público. Constituem o *corpus* deste trabalho cinco charges recolhidas do site Jornal O Globo, relacionadas ao período das eleições presidenciais do ano de 2014 (até o primeiro turno), o qual teve início em 6 de julho até o dia 05 de outubro. A análise foi realizada à luz das discussões teóricas da Análise Semiológica do Discurso de Patrick Charaudeau (2004, 2006, 2008) e também dos estudos Bakhtinianos sobre gêneros e ideologia. Utilizamos ainda discussões de autores sobre caracterização do gênero charge e quadricização e as discussões de Lemke (2010 [1998]) a respeito de significados multiplicativos dos textos na relação entre semioses. A pesquisa foi elaborada a partir da abordagem qualitativo-interpretativa, que prevê a necessidade de que os dados não sejam vistos/enquadrados em uma perspectiva quantitativa, mas a partir de uma visão crítica e reflexiva a partir da linguagem (MOITA-LOPES, 1994, 2006). Os resultados nos mostraram que o gênero charge, como instrumento fundamental na formação de leitores críticos, precisa ser visto/compreendido em seu contexto de produção e também dentro dos horizontes espaço temporal e axiológico/valorativo de seu produtor, ou seja, as charges analisadas relevaram nuances de discursos políticos que retratam/revelam ideologias postas não só nas vozes dos candidatos, mas também pelo próprio autor produtor desse gênero. Isso reforça a ideia de Bakhtin (2003) e Charaudeau (2008) de que enunciação/enunciados, materializados em gêneros e discursos, não refletem passivamente (como um espelho) a situação extraverbal, já que é nela, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia.

**Palavras-Chave:** Gênero. Charge. Semiologia. Discurso Político.

## ABSTRACT

In this senior research project it is aimed to discuss the writing construction process with regard to the political discourse contained in the cartoon genre, from the theoretical approach of semiolinguistics. Thus, assuming that a text should not be analyzed only from its formal aspects, but also the cultural socio-historical context in which it is inserted is to be considered, this research analyzes the verbal materiality and semiotics in political cartoons through the idea that these are caricatures of working characters in the area of the country's politics. The caricaturist, in the position of annunciator (Charaudeau, 2008) characterizes these characters in accordance with the everyday events, which builds a discourse capable to express ideologies (PÊCHEUX , 1997), using colors, forms, shapes, expressions, situating this discourse in time, space and era, to satirize specific facts of public knowledge. Five cartoons constitute the corpus of this research, collected from the website Jornal O Globo, related to the period of the presidential elections of 2014 (until the first round), which began on July 6th until on October 5th. The analysis was conducted in the light of theoretical discussions of the Semiolinguistics Analysis of Patrick Charaudeau Discourse (2004, 2006, 2008) and also of Bakhtin studies on ideology. We also use discussions of authors on characterization of cartoon genre and cartooning and Lemke discussions (2010 [1998]) concerning multiplicative meanings of the texts on the relationship between semiosis. The research was developed from the qualitative interpretative approach, which addresses the need that data is not seen/framed on quantitative data, but from a critical and reflective view, but from a critical and reflective view from the language. The results have shown that the cartoon genre as a key tool in the formation of critical readers, needs to be seen/understood in its context of production and also within the space/time and axiological/evaluative horizons of its producer, i.e. the analyzed cartoons brought up nuances of political discourses that portray/show ideologies put not only on the voices of the candidates, but also through the producing author of this genre. This reinforces the idea of Bakhtin (2003) and Charaudeau (2008) that enunciation / statements, embodied in genres and discourses, not passively reflect (as a mirror) the extraverbal situation, as it is in it, understood as its social dimension, that the social character of the statement is constituted and confirmed, i.e. that the work of ideology occurs.

**Keywords:** Genre. Cartoon. Semiolinguistics. Political Discourse.

**LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1</b>	Categorias de análise.....	28
<b>TABELA 2</b>	Categorias de análise.....	29



**LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1</b>	Duplo processo de semiotização .....	5
<b>FIGURA 2</b>	1ª Turma – Eleições presidenciais 2014 .....	31
<b>FIGURA 3</b>	Intenção de voto para presidente .....	32
<b>FIGURA 4</b>	Pesquisa de pretensão de votos para o 2º turno (Pesquisa IBOPE e DATAFOLHA) .....	33

**LISTA DE CHARGES**

<b>CHARGE 1</b>	“Em frente que atrás vem gente” .....	34
<b>CHARGE 2</b>	“E daqui a pouco a gente volta” .....	35
<b>CHARGE 3</b>	“E, de repente, olho azul é a cor mais quente pra candidato a presidente” .	36
<b>CHARGE 4</b>	“Olho azul é a cor mais quente” .....	37
<b>CHARGE 5</b>	“Primeiro Turno” .....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1: A ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO: conceitos basilares</b> .....	<b>4</b>
1.1 A NOÇÃO DE DISCURSO NA SEMIOLINGUÍSTICA.....	4
1.2 O ATO DA LINGUAGEM E O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO .....	7
<b>CAPÍTULO 2: GÊNEROS DO DISCURSO NA ABORDAGEM DIALÓGICA, SEMIODISCURSIVA E COMO AÇÃO SOCIAL</b> .....	<b>12</b>
2.1 A NATUREZA DIALÓGICA DA LINGUAGEM E OS GÊNEROS EM BAKHTIN, BAZERMAN E CHARAUDEAU .....	12
<b>CAPÍTULO 3: O GÊNERO CHARGE: DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÃO</b> .....	<b>17</b>
3.1 O GÊNERO CHARGE: SEU PROCESSO DE QUADRINIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO EXTRAVERBAL.....	17
3.2 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO CHARGE .....	19
3.3 DISCURSO CHARGÍSTICO POLÍTICO .....	22
<b>CAPÍTULO 4: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>27</b>
4.1 TIPO E ABORDAGEM DE PESQUISA.....	27
4.2 METODOLOGIAS DE GERAÇÃO DE DADOS .....	27
4.3 METODOLOGIA DE GERAÇÃO DE ANÁLISE .....	28
<b>CAPÍTULO 5: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>30</b>
5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS .....	30
5.2 ANÁLISE DAS CHARGES E O DISCURSO POLÍTICO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2014 .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos processos mais incríveis que nós, seres humanos, somos capazes de desenvolver é o de interação uns com os outros e o sucesso disso depende muito das regras e convenções vigentes nas práticas sociais das quais participamos.

Sabemos que o conceito de linguagem atual ultrapassa a antiga concepção de que só existe interação se houver a expressão do pensamento, uma ideia ligada diretamente com a origem do termo Gramática Tradicional (MATTOS, SILVA, 1997). Acerca da linguagem como mera expressão do pensamento, Gomes (2011) também postula que segundo essa concepção o contexto de produção do ato comunicativo não exerce nenhum tipo de influência na linguagem, afinal, não considera as circunstâncias que fazem parte da situação social na qual o ato comunicativo acontece.

Na concepção mais interacionais, a linguagem, por sua vez, não pode então ser considerada como um objeto transparente, pois não leva em conta apenas as intenções declaradas do emissor. A partir das palavras de Charaudeau (2010) compreende-se que o ato da linguagem vem a ser um ato interenunciativo entre quatro sujeitos (e não dois), ou seja, ligação de um encontro imaginário de dois universos de discursos idênticos. Esses quatro sujeitos, segundo o autor, podem ser observados através de dois processos: o de **produção**, o qual é produzido por um *EU* para um *TU-destinatário* e o de **interpretação** produzido por um *TU-interpretante* que constrói uma imagem *EU do emissor*. (CHARAUDEAU, 2005).

Levando em consideração a concepção mais ampla de linguagem, o tema escolhido para essa pesquisa é o **Discurso Político no gênero Charge sob a perspectiva de Charaudeau**. Elaboramos então o seguinte problema científico: Quais as estratégias discursivas utilizadas no gênero charge, através do discurso político, para persuadir o leitor?

O objetivo geral é buscar analisar o discurso político eleitoral contido em charges do período eleitoral de 2014 sobre as eleições presidenciais, tendo esse como um recurso convincente e influenciador na visão crítica do leitor, estimulando nele a capacidade de observar criteriosamente os jogos implícitos e/ou explícitos no gênero, além dos discursos existentes nele, aceitando a possibilidade de várias interpretações. Quanto ao *objetivo específico*, buscamos descrever as estratégias

discursivas utilizadas na construção do contrato comunicativo midiático no gênero e influência delas na construção do caráter crítico do leitor.

Para atingir tais objetivos de investigação, consideramos as seguintes questões: **a) De que forma o discurso político eleitoral é explorado no gênero charge sendo, desta maneira, capaz de influenciar? b) Como o meio/suporte, no qual a charge é veiculada, influencia na construção do discurso político?**

O *corpus* deste trabalho é constituído por cinco charges, do recorte temporal de 12 de Maio a 05 de Outubro recolhidas da *Internet* e elaboradas pelo chargista Chico Caruso.

A pesquisa é qualitativo-interpretativa, sendo realizada uma análise documental, sendo as charges consideradas como documentos que revelam, a partir da hibridização de linguagens/semioses, ideologias sobre o discurso político presente nesse gênero.

Desse modo, para a sistematização da pesquisa foi necessário, primeiramente, trilharmos e organizarmos conceitos que pudessem ser úteis para a análise que se pretendia fazer sobre charges e discurso político. Realizado o levantamento teórico e, embasados nas leituras e discussão, passamos para a seleção do *corpus* da pesquisa. Já de posse do arcabouço teórico e dos pressupostos metodológicos, partimos para a escolha das charges que constituíram a base de dados para análise.

Este trabalho, portanto, é fruto de um projeto de pesquisa vinculado ao Grupo de pesquisa Gêneros discursivos e práticas sociais de linguagem (UNIFAP/CNPq) coordenado pelo prof. Me. Rosivaldo Gomes, o qual a partir de 2016 passou a ser intitulado como Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada – NEPLA.

O interesse pelo estudo do discurso político a partir do gênero discursivo charge, sustentando pela Teoria da Análise do discurso de Patrick Charaudeau, surge por observarmos que essa teoria nos coloca em um estado de reflexão, permitindo-nos que aprendamos sobre a linguagem de forma mais ampla. Além disso, a teoria da Análise do discurso contribui para vermos o quanto o contexto sócio-histórico com as estratégias próprias do discurso dão significado às relações sociais. As charges, objeto do nosso estudo, possuem importância dentro dessas relações através dos objetivos que promovem que são de provocar o riso, mas conscientizar, informar ou reforçar baseadas nas notícias da sociedade.

Assim, inicialmente, a seleção foi limitada a toda charge política. Entretanto, após discussões sobre o tema, decidimos focar nas charges publicadas durante as eleições de 2014, ou seja, a partir do dia 06 de julho de 2014<sup>1</sup> que foi a data liberada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para a propaganda eleitoral até 05 de outubro (primeiro turno). O recorte temporal foi realizado com o interesse primário em mostrar as intenções das charges, como veremos nas seções que seguem.

Para a condução da pesquisa, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da **Análise Semiollinguística do Discurso de linha Francesa**, em especial os trabalhos de Patrick Charaudeau (2004, 2006, 2008), aliados, ainda, aos pressupostos Bakhtinianos e as discussões de Lemke (2010) sobre aos recursos semióticos.

Cabe destacar que assumimos a conjugação teórica para a análise das charges por acreditarmos ser possível aproximarmos tais discussões. Além disso, tais teorizações não auxiliaram na construção de categorias de análise a partir de uma perspectiva interdisciplinar, tendo em vista as possibilidades de abertura que tanto a teoria de Charaudeau quanto a de Bakhtin permitem ao analista do discurso.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro trata acerca da teoria semiollinguística de Patrick Charaudeau, a noção do discurso segundo essa teoria e o ato da linguagem. O segundo capítulo inicia com um breve histórico do gênero charge e, posteriormente, inter-relacionamos as definições desse gênero a partir da perspectiva de gênero como prática social, caracterizando-o e explicando-o sobre o seu processo de quadrinização e o discurso chargístico, ou seja, quais as estratégias de discurso utilizadas na charge.

No terceiro capítulo os pressupostos metodológicos são propostos. Discutimos o tipo e abordagem de pesquisa, o corpus da nossa pesquisa e a geração dos dados. O quarto capítulo, por fim, é a análise de discussão dos dados, quando aplicaremos a teoria na análise das charges, apresentando informações, os efeitos de sentido e os resultados.

---

<sup>1</sup> Para mais informações acerca do calendário eleitoral de 2014 está disponível no site <http://www.eleicoes2014.com.br/calendario-eleitoral/>.

## **CAPÍTULO 1: A ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO: conceitos basilares**

A fim de realizar um estudo mais criterioso das charges que serão analisadas, partindo do princípio que um texto não é só constituído por aspectos formais, mas também por outros constituintes, por exemplo, o contexto sócio-histórico, cultural e ideológico, utilizamos a Análise do Discurso (AD) sobre perspectiva da Teoria da Semiologia do linguista francês Patrick Charaudeau (1983, 2004, 2006, 2008, 2013).

### **1.1 A noção de discurso na semiologia**

Quando consideramos a Teoria Semiológica do discurso, concordamos com a ideia de Charaudeau (2010) que analisar um texto não é pretender focar apenas no ponto de vista do interpretante ou do comunicante, mas os possíveis interpretativos que são expressos através da linguagem verbal colocada de forma direta e indireta ao leitor.

Em outras palavras, o autor considera que, se há comunicação, é de uma comunicação, primeiramente particular, realizada através da linguagem verbal (ou não verbal); se há construção do sentido, trata-se da construção que se faz pelas formas verbais e, se há construção de um texto, trata-se daquela que depende das regras de “ordenamento” do verbal. É por esse motivo que a análise do discurso pode ser chamada de semiologia, considerando o fato de que o seu sentido e a sua estrutura se formam sempre através de múltiplos sujeitos, com uma influência social e um determinado quadro de ação.

Considerando isso, a Semiologia é um útil instrumento para interrogar o(s) texto(s) nesta pesquisa e por meio dela sugerir que a tradicional questão seja feita a ele(s) sob a forma: “Quem o texto faz falar?” ou “quais sujeitos o texto faz falar?” (CHARAUDEAU, 2010, p. 63).

Charaudeau (2005) caracteriza a comunicação como um fenômeno psicossocial e linguageiro de construção do sentido, uma vez que se compõe de cognição (em função da categorização que se faz do mundo), do psicossocial (em função do valor dos signos e da influência dos fatos de linguagem) e da semiótica (em função da construção do sentido e da forma).

Conforme Charaudeau (2008), o mundo não é dado a princípio, mas é construído através da estratégia humana de significação. Todo ser humano cria formas aos sentidos deste mundo, sendo que o autor define esse processo como um **duplo processo de semiotização do mundo** relativo ao processo comunicativo. O primeiro é o de **transformação** que converte um “mundo a significar” em “mundo significado”, sob a atitude de um sujeito falante. O segundo é o **processo de transação** que torna este “mundo significado” um objeto de troca, na interação com outro sujeito, este já tomado como destinatário deste objeto e transação. Para esclarecer, Charaudeau (2005) esquematiza esse processo:

Figura 1: Duplo processo de semiotização do mundo



Fonte: adaptado Charaudeau (2005)

O processo de **transformação** compreende a quatro operações que são: 1) identificação (apreender os seres reais ou imaginários do mundo para que se possa falar dele); 2) qualificação (propriedades/características desses seres); 3) ação (o que esses seres agem, sofrem) e 4) causação (o porquê da ação).

O segundo processo, **de transação**, o qual é base para a construção do contrato de comunicação<sup>2</sup>, segue quatro princípios: 1) alteridade (que é o fundamento do aspecto contratual de todo ato comunicativo por implicar no reconhecimento recíproco dos parceiros entre si); 2) pertinência (que informa a importância de os parceiros envolvidos terem conhecimento sobre o espaço e seus valores dos quais estão inseridos); 3) influência (orienta o processo de transação acerca do agir sobre o outro) e 4) regulação (para que haja o mínimo de compreensão entre os parceiros e a influência desejada é preciso que eles recorram a estratégias do quadro situacional).

<sup>2</sup> Nas seções seguintes abordaremos mais sobre o contrato de comunicação.



Tanto o processo de transformação quanto o de transação ocorrem a partir de procedimentos diferentes, no entanto, não há como dissociar um processo do outro. Eles não se realizam autonomamente, pois há uma dependência do primeiro em relação ao segundo. Além disso, compreendemos que após esses dois processos ainda há a contribuição do sujeito interpretante, no caso, a sua interpretação do “mundo significado” conforme seus próprios parâmetros e, muitas vezes, é o resultado dessa interpretação que traz todo sentido ao que é comunicado.

Os principais conceitos discutidos na teoria da semiolinguística advêm dos três níveis do qual o ato da linguagem é dividido, sendo que, é a partir deles que toda a teoria da semiolinguística é desenvolvida e aplicada: a) **Nível situacional** que relaciona a linguagem no âmbito da influência social; b) **Nível discursivo** cujo discurso é organizado de acordo com as finalidades discursivas propostas pelo sujeito, sendo que essas finalidades podem variar entre enunciar, descrever, narrar e/ou argumentar e c) **Nível comunicacional** (semiolinguístico) que é aquele em que são feitas as opções linguísticas/languageiras, ou seja, “uma competência específica, que consiste em saber reconhecer e usar as palavras em função de seu valor de identificação e sua força portadora de verdade” (CHARAUDEAU, 2001, p. 17). Os detalhes do texto são observados com mais atenção, pois são eles que ajudam a particularizá-lo resultante de um ato de linguagem.

A partir dessas discussões, é importante ainda compreender como o discurso é entendido de fato por Patrick Charaudeau (2001). O termo discurso pode ser utilizado em dois sentidos. Em um primeiro, o autor diz que o discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato da linguagem, esta, que por sua vez, depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: “um *circuito externo*, que representa o lugar do fazer psicossocial (o situacional) e um *circuito interno* que representa o lugar da organização do dizer.” (p.3). Em um segundo sentido, o discurso pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, “construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social.” (p. 3)

Como veremos posteriormente, no contrato de comunicação os parceiros da troca languageira estão sujeitos ao que Charaudeau (2014) chama de “Modos de Organização do Discurso” e esses modos, como o autor afirma, são princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante, sendo estes: enunciar, descrever, contar e argumentar.

## 1.2 O ato da linguagem e o contrato de comunicação

Quando consideramos o duplo processo de semiotização do mundo somos levados a dizer, também, acerca do postulado de intencionalidade no qual se fundamenta o ato da linguagem. Esse ato de linguagem pressupõe uma intencionalidade, no caso, a dos sujeitos falantes que são parceiros de troca.

Charaudeau (2010) postula que o sentido de um ato de linguagem (ou de comunicação) não reside somente em sua manifestação verbal, nem somente em seu sentido explícito, mas somos sempre tentados a interpretar os atos de linguagem em função do “jogo de expectativas”. “Assim, percebemos o não-dito, ou seja, um sentido oculto, implícito, que não aparece na mera combinação das palavras do enunciado, mas que se constrói por inferência”(CHARAUDEAU, 2010, p. 03).

Desta forma, compreendemos a importância de observarmos a dupla dimensão indissociável de linguagem, o explícito e o implícito. Só haverá compreensão quando se é percebido o que une essas duas instâncias, por exemplo, “os saberes possíveis em uma dada comunidade linguageira (CHARAUDEAU, 2014, p. 31)”. É através da dimensão implícita que a explícita é recuperada constituindo o que Charaudeau denomina de “significação de uma totalidade discursiva” (p. 26).

Em suma, através dessas constatações sobre o sentido implícito e explícito, Charaudeau define o fenômeno linguageiro como algo que se constitui em um duplo movimento: o exocêntrico e o endocêntrico. O primeiro movimento leva todo ato de linguagem a ter significado em um espaço intertextual, ou seja, aberto. Por outro lado, o endocêntrico leva o ato de linguagem (e os signos que o compõem) a significar em um espaço fechado “e é este o espaço reservado do fórum íntimo de cada leitor ou sujeito-interpretante” (MACHADO, 2005, p. 29).

As palavras e os enunciados produzidos não significam por si mesmos, mas para que possam ser compreendidos e interpretados deve existir a relação com um outro lugar comum aos parceiros de troca, afinal, “todo ato de linguagem é produzido e interpretado em função das condições que predizem sua produção e interpretação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 04). Tais condições, como Machado (2005) sustenta, dependem de relações de hierarquia, dos rituais da polidez que os diferentes sujeitos mantêm entre si, “ou seja, tudo está ligado às relações que serão tecidas

entre os sujeitos-comunicante/enunciadora face aos sujeitos-destinatário/interpretante” (p. 29).

Baseados na teoria semiolinguística de Charaudeau, podemos afirmar que as condições de produção/interpretação do ato de linguagem dependem do que o autor chama de “os possíveis interpretativos” (CHARAUDEAU, 2014, p. 29) os quais nos são sugeridos pelo contexto. Tendo isso em mente, Charaudeau (2014) evidencia dois aspectos de tais condições. O primeiro é a relação que o **sujeito enunciator** e o **sujeito interpretante** mantêm face ao propósito languageiro ou o investimento de suas práticas sociais, sendo que as circunstâncias de discurso influenciam para o entendimento dos protagonistas na linguagem no que tange à suas práticas sociais.

O segundo aspecto diz respeito aos saberes do **enunciador** e do **interpretante**, isto é, um a respeito do outro e o “filtro construtor do sentido” que eles constroem do ato de linguagem. Segundo Charaudeau (2014), isso acontece quando nós, estando na posição de sujeito interpretante, filtramos, no conjunto dos saberes possível acerca do que se é dito, um subconjunto de saberes em função daquilo que supomos saber do enunciador, o implícito.

Dessa forma, nos é permitido dizer que o saber que os protagonistas da linguagem desenvolvem nas trocas comunicativas não é ligado apenas às experiências vividas por cada um, mas, como Charaudeau (2014) sustenta, “depende igualmente dos saberes que tais sujeitos comunicantes supõem existir entre eles e que constituem os ‘filtros construtores de sentido’” (p. 31).

Ainda sobre a interpretação do ato de linguagem, quanto ao contrato de comunicação, Charaudeau (2014) define que para o **sujeito interpretante** interpretar é criar hipóteses sobre o saber do **sujeito enunciator**; sobre seus pontos de vista em relação aos seus **enunciados** e seus pontos de vista em relação ao seu **sujeito destinatário**, todas as interpretações realizadas haverá uma intencionalidade e criação de hipóteses. Afirmando isso, adentramos em mais um ponto discutido por Charaudeau (2005) em sua teoria de semiolinguística que são a ideia de contrato de comunicação e a *mise en scène*.

No bojo das discussões da teoria de Charaudeau, o contrato de comunicação e a *mise en scène*, surgiram, como o próprio autor assevera, como formas de concretizar as trocas languageiras existentes entre os indivíduos. Significa, então dizer, que no ato da linguagem haverá sempre uma intencionalidade entre os sujeitos falantes e nisso, conseqüentemente, uma troca (CHARAUDEAU, 2005). O

autor defende também que “esse ato depende da identidade dos parceiros, visa uma influência e é portador de uma proposição sobre o mundo. Além disso, realiza-se num tempo e num espaço determinados, o que é comumente chamado de situação” (2005).

Para compreender o contrato de comunicação precisamos ter em mente que Charaudeau (2006) divide as características da troca linguageira em **dados externos**, os quais “são constituídos pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocam e pelas constantes que caracterizam essas trocas e que permaneceram estáveis por um determinado período” (p.68); e em **dados internos** que “são aqueles propriamente discursivos, os que permitem responder à pergunta do ‘como dizer’” (p.70).

Separando os dois espaços de significância do ato de linguagem, Charaudeau também determina dois tipos de sujeitos de linguagem, os parceiros (sujeito comunicante e sujeito interpretante) que são os interlocutores (que têm intenções) e os protagonistas que são os intra-locutores, responsáveis pelo ato de enunciação, pois “embora haja uma relação de condição entre esses dois tipos de sujeitos, não há entre eles uma relação de transparência absoluta” (CHARAUDEAU, 2005, p. 04).

Quando Charaudeau refere-se ao ato de linguagem como uma relação que ausenta de transparência absoluta, lembramos dos objetivos comunicativos. O projeto de fala, segundo o autor francês, é construído em torno de um certo número de *visées communicatives*<sup>3</sup> (2006) e Charaudeau agrupa em quatro tipos principais: facitativo, informativo, persuasivo e sedutor.

O ato de linguagem não se reduz à sua configuração linguística, mas compreendemos que é um todo de significação, na qual tem-se uma parte explícita e a outra implícita. Para contribuir nesse ato de comunicação, a “*mise-en-scène*” (encenação), expressada tanto verbalmente como visualmente, certos modos de semiologização são usados, isto é, estratégias discursivas. Assim, a encenação discursiva, portanto, consiste na estratégia utilizada pelo locutor ao levar em conta o seu interlocutor, já que:

O locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela *Situação de comunicação*, utiliza *categorias de língua* ordenadas nos *Modos de organização* do discurso para produzir

---

<sup>3</sup> Objetivos comunicativos

sentido, através da configuração de um *Texto*. (CHARAUDEAU, 2010, p. 75)

Portanto, tudo o que o locutor vai/deve falar é pensando no que o outro indivíduo percebe e espera dele (CHARAUDEAU, 2010) e é dessa forma que a *mise-en-scène* é desenvolvida. Além disso, a *mise en scène* do ato de linguagem repousa, fundamentalmente, sobre um jogo recíproco de avaliação dos parceiros, um sobre o outro, para proceder a produção de um **Dizer** e a interpretação desse **Dizer**<sup>4</sup>. Nesse sentido, podemos aproximar esse conceito de um dos conceitos-chaves de Bakhtin (2003), para quem as vozes são sempre perspectivas axiológicas e dialógicas e índices de apreciação de valor, isto é, apreciação valorativa do locutor a respeito do(s) tema(s) e do(s) interlocutor(es) de seu discurso. Portanto, os discursos não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção.

É esse querer-dizer do locutor (intuito discursivo/axiológico) conforme aponta Bakhtin (2003) que ocupa lugar central na análise semiolinguística, a partir do contrato de comunicação de Charaudeau, como propõe Mendes (2001):

o conceito de contrato de comunicação ocupa um lugar central em tal modelo, na medida em que postula/define, como condição de existência de qualquer prática de linguagem, o reconhecimento recíproco dos interlocutores enquanto parceiros da comunicação. (MENDES, 2001, pp. 317-318)

Dessa forma, para que o ato de linguagem alcance o seu objetivo que é a comunicação é necessário que os parceiros reconheçam um ao outro e que possuam o mínimo de saberes em comum no ato da troca linguageira. Entretanto, ao mesmo tempo, segundo os princípios de influência e regulação, os parceiros adotam algumas estratégias que segundo Charaudeau (2005) são as escolhas possíveis à disposição dos sujeitos na *mise-en-scene* do ato de linguagem.

Em suma, é possível depreendemos que na abordagem semiolinguística o conhecimento prévio sobre a experiência do mundo não precisa ser expresso, mas é necessário à produção e compreensão da linguagem, sendo que a partir desse entendimento, podemos então afirmar a existência de um duplo espaço de significância que o ato de linguagem realiza, o externo e o interno determinando dois tipos de linguagem:

---

<sup>4</sup> Dizer está sendo entendido como discurso.

os *parceiros*, que são os interlocutores, sujeitos de ação, seres sociais que têm intenções – que chamamos de *sujeito comunicante* e *sujeito interpretante*. ; e os *protagonistas*, que são os intra-locutores, os sujeitos de fala, responsáveis pelo ato de enunciação – os quais chamamos de (*sujeito*) *enunciador* e (*sujeito*) *destinatário*. (CHARAUDEAU, 2005, p. 4)

Importante dizer que embora exista uma relação de condição entre os parceiros e os protagonistas, não há entre eles uma relação de transparência absoluta.

## CAPÍTULO 2: GÊNEROS DO DISCURSO NA ABORDAGEM DIALÓGICA, SEMIODISCURSIVA E COMO AÇÃO SOCIAL

O estudo de gêneros de discurso<sup>5</sup> tem feito há muito tempo diversos autores se debruçarem sobre ele a fim de levantar questões acerca dos estudos e pesquisas sobre esse conceito. Nesse sentido, considerando serem importantes as definições sobre gênero para além de apenas uma abordagem teórica, neste capítulo apresentamos algumas discussões a partir da visão de Bakhtin (2003[1952-3/1979]), Bazerman (2005) e Charaudeau (2001) sobre gêneros discursivos/textuais, sendo esses teóricos fundamentais para a discussão de pontos relacionados às nossas análises dos dados. Cabe destacar que reconhecemos as especificidades teóricas proposta por cada autor, todavia, como destaca Bakhtin (1988[1934-5]), no campo das Ciências Humanas criamos excedentes de visão<sup>6</sup>, portanto, é possível criarmos aproximações entre esses autores ao tomarem o texto/enunciado como uma construção sócio-histórica, sociocultural e ideológica.

### 2.1 A natureza dialógica da linguagem e os gêneros em Bakhtin, Bazerman e Charaudeau

Não há dúvida ao dizermos que todas as esferas da atividade humana no dia a dia, por mais variadas que essas sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Segundo Bakhtin (1997), a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes das diferentes esferas da atividade humana. Mediante isso, é correto afirmarmos que todo enunciado reflete as condições específicas e finalidades de cada esfera e isso

<sup>5</sup> Neste trabalho assumimos a nomenclatura de gênero do discurso ou gêneros discursivos, conforme aponta Bakhtin (2003, 1988) em suas discussões.

<sup>6</sup> Rojo (2007) também baseando-se em Bakhtin, ao discutir redefinições dos objetos de pesquisa no campo da Linguística Aplicada, propõe que e o que determina a (re)constituição do objeto no campo aplicado é a **apreciação de valor possível** ao linguista aplicado a partir dessa posição e a segunda, a de que, nesse casos, **as teorias de referência podem passar a funcionar como um excedente de visão**. Nas palavras da autora —essas novas configurações teórico-metodológicas, embora dialógicas, são próprias [...] Isto é, são articuladas a partir de um ponto de vista e de uma apreciação valorativa únicos sobre o objeto de investigação (que antes defini como suscitado por uma privação sofrida), em relação ao qual as configurações dos saberes ou teorias de referência constituem como que um excedente de visão, embora apropriadas (num sentido não só bakhtiniano do termo). E é justamente para construir essa articulação do ponto de vista e da apreciação valorativa sobre o problema ou sobre o objeto que se faz necessária uma leveza do pensamento, que vem sendo chamada de transdisciplinaridade, ancorada no peso do objeto (ROJO, 2006, p. 261)

acontece, de acordo com Bakhtin (1997), não só por meio do seu conteúdo (temático), estilo verbal ou peculiaridades, mas pela sua estrutura composicional.

Na visão do autor, há três elementos importantes que unem-se, indissolúvelmente, no todo do enunciado: o conteúdo temático, estilo e construção composicional. Segundo ele, qualquer enunciado considerado isoladamente é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, o que Bakhtin (1997, p. 158) denomina de **gêneros do discurso**.

Quando os enunciados são compreendidos como “únicos e irrepetíveis” (PEREIRA; RODRIGUES, 2010), na visão bakhtiniana, devemos ter em mente que, simultaneamente, também são dialógicos, pois dialogam constantemente com outros enunciados formando sentidos. Além disso, esses enunciados (que se produzem e circulam em várias esferas e situações sociais) mantêm relações dialógicas entre si.

Para Mikhail Bakhtin, portanto, a noção de gênero como um tipo de enunciado não deve ser ligado a noção do tipo como de sequências textuais. Dessa forma, devemos compreendê-lo como uma tipificação social dos enunciados que possuem certos traços comuns, “que se constituem historicamente nas atividades humanas, em uma situação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes” (TORGA; FILHO, 2011, p. 4).

Nessa discussão acerca dos gêneros discursivos, também nos interessa a visão de Bazerman (2005), um teórico que para discutir questões dos gêneros do discurso se baseia em conceitos como fatos sociais, atos de falas, sistemas de gêneros. Para Bazerman esses conceitos ajudam na compreensão sobre “como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento, fazendo uso do texto.” (p. 19)

Assim como Bakhtin, Bazerman entende que a ideia de que um texto retoma outro texto vai além das marcas textuais. Em um sistema de atividades humanas, um texto suscita o outro, pois de acordo com o autor “Cada texto bem-sucedido cria para seus leitores um fato social. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala. Esses atos são realizados através de [...] gêneros...” (BAZERMAN, 2005, p. 22).

Além disso, o autor diz que cada texto bem elaborado cria para seus leitores um fato social. Temos então um segundo conceito acerca dos fatos sociais:



Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou gêneros, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. (BAZERMAN, 2005, p. 22).

A partir desse postulado do autor, podemos entender que quando produzimos textos estamos diante de uma realização empírica dos gêneros do discurso e, conseqüentemente, fatos sociais também são produzidos. Os gêneros, segundo Bazerman (2005), emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

O autor também sustenta essa posição explicando que os fatos sociais afetam as palavras que as pessoas falam ou escrevem, assim como a própria força que tais enunciados possuem dentro da sociedade. Exemplos dessa relação são os gêneros altamente tipificados, como por exemplo, requerimentos, memorandos, ofícios etc, levando em consideração que cada um deles possui seu próprio propósito comunicativo dentro do seu contexto de circulação.

Mendonça (2008), compartilhando dessa visão do autor, salienta que se os contextos dos gêneros altamente tipificados são específicos, conseqüentemente, as possibilidades para a sua interpretação também devem ser, assim como suas configurações, pois conforme defende Bazerman (2005, p. 29-30):

ao criar formas tipificadas ou gêneros, também somos levados a tipificar as situações nas quais nos encontramos. [...] Esse processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações, é chamado de tipificação.

Além de Bazerman, Marcuschi (2010) destaca a contribuição dos gêneros para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia, e embora apresentando alto poder interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, ele assevera que os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (p. 01). Para esse autor, um gênero é condicionado por outro e não se dá solto na realidade sociohistórica. “Isso quer dizer que a própria vida social e a atuação são encadeadas por uma série de textos que funcionam como seus enquadres [...]” (MARCUSCHI, 2005, p. 12), permitindo

mudanças, conjugações, misturas e inter-relações mesmo que os gêneros sejam bastante tipificados.

Ademais, dentre as discussões já desenvolvidas, há a opinião de Patrick Charaudeau (2004) tendo notoriamente influência de Bakhtin nas suas discussões sobre gêneros como um contrato. Para Charaudeau (2014), o homem só se comunica social e psicologicamente através dos efeitos construídos pelo próprio homem no âmbito da linguagem. Dessa forma, enquanto seres psicossociológicos, somos nós que amoldamos a linguagem através das trocas sociais rotineiras da língua.

Levando em consideração isso, o autor acredita que todos nós, seres sociais, somos dotados de algumas competências sendo estas a *competência situacional*, a *competência semiolinguística* e a *competência semântica* e, por esse motivo, nos apropriamos de formas básicas de comunicação os quais Charaudeau chama de gêneros empíricos.

Essa primeira noção de gêneros com base sociológica é marcada por discussões desenvolvidas no círculo bakhtiniano que atribuía um caráter socioideológico sobre o signo linguístico, como já dissemos. Pires (2010, p. 2) defende que:

Charaudeau apropria-se da idéia de Bakhtin de que a nossa palavra está sempre em relação dialógica com a palavra do outro. Para ambos os autores, as palavras não deixam de pertencer ao indivíduo, ele não apenas as repete, não se trata do sujeito assujeitado dos primórdios da AD francesa; mas também as palavras não são suas integralmente: elas são divididas entre as suas próprias e as do outro, confundindo-se, numa “tensa luta dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 379-380, ênfase do autor) ao entrar em contato com outros discursos, com outros pontos de vista, opiniões, teorias, crenças.

Desenvolvendo a sua teoria, Charaudeau então lista três aspectos principais: 1) **a ancoragem social do discurso**; 2) **as atividades languageiras** e 3) **características formais**. Para ele a ancoragem social do discurso é o pilar dos gêneros, pois é nesse espaço que atividades languageiras unidas às práticas sociais se encontram, ou seja, para ele “o ato de linguagem, considerado como prática social, tende a regular as trocas verbais e a instaurar as regularidades discursivas” (LORDES, 2011, p. 8)

As atividades languageiras, por sua vez, abrem espaço para duas tendências. Primeira é a tendência cognitiva que consiste em descrever as operações do

pensamento que se encontra com a organização textual. A segunda é a tendência semiodiscursiva que considera todo texto como heterogêneo, por esse motivo, o que pode ser classificado não é ele em si, mas, em um nível mais abstrato, o que constitui a sua estrutura. Acerca das duas tendências, Charaudeau (2004) postula que não há nenhum impedimento para que ambas coloquem a questão do que seria um nível de organização do discurso que não seja o da configuração formal, estando ligado às marcas formais dos textos sem ser completamente dependente deles. Dessa forma, notamos que a dimensão social é sugerida pelo autor como ponto de partida para o reconhecimento ideal dos elementos que fazem parte do fato linguageiro, estes os quais, conseqüentemente, influenciam em outras dimensões.

Diante do exposto, do estudo dos gêneros na visão de Bahktin, Bazerman e Charaudeau, partimos para um estudo mais específico, agora no que diz respeito ao gênero charge preservando a dinâmica de considerar baseados nas teorias de cada autor.

## **CAPÍTULO 3: O GÊNERO CHARGE COMO PRÁTICA SEMIODISCURSIVA, DIALÓGICA E SOCIAL**

Neste capítulo discorreremos uma breve diferenciação entre charge, cartum e caricatura para depois tratarmos sobre o processo de quadrinização da charge, a sua caracterização (LEMKE, 2010 [1998]; BAUMAN (2004); BAKHTIN, 1993; NERY, 2008) trazendo à luz da discussão um pouco do surgimento da charge com as suas estratégias discursivas e, por fim, abordar o discurso político sob a perspectiva de Charaudeau (2013).

### **3.1 O gênero charge: seu processo de quadrinização e constituição extraverbal**

A partir dos conceitos já desenvolvidos, situamos o gênero charge nas três perspectivas que, a nosso ver, podem ser conjugadas, como já defendido anteriormente. Entretanto, antes disso é fundamental que façamos uma breve distinção entre charge, caricatura e cartum. Assim, para que haja a compreensão desses gêneros é necessário o conhecimento do assunto tratado e do contexto, considerando a função que desempenham.

Rabaça e Barbosa (1978) definem caricatura como “uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, escultura etc, cuja finalidade é o humor.” (p. 89). De acordo com a visão desses autores a charge, o cartum, o desenho de humor e a caricatura (no conceito mais particular) são subdivisões da caricatura.

Definindo mais especificamente, a charge e o cartum são esteticamente parecidos e a imagem e o texto são combinados. O segundo – gênero cartum – nós podemos considerar como uma anedota gráfica, mas que não insere personagens ou fatos reais; é, portanto, uma crítica de costumes genérico e atemporal. A caricatura, por sua vez, é o exagero feito propositalmente nas características físicas marcantes de um indivíduo.

Já a charge, em síntese, é um gênero multissemiótico/multimodal ou híbrido, conforme Santaella (2001)<sup>7</sup>, Rojo (2012, 2013) e Lemke (2009). O que significa dizer

---

<sup>7</sup> Santaella (2001) baseando-se nas categorias fenomenológicas de Charles Sanders Peirce considera que a multiplicidade das linguagens híbridas existentes, hoje, nasce da combinação de três matrizes de linguagem e pensamento (sonora-visual, sonora-verbal, visual-verbal), ou da combinação de três (sonora-visual-verbal), como, por exemplo, o cinema, o vídeo e a televisão. Já

que é um texto que utiliza mais de uma semiose/linguagem para materializar seu dizer, no seu caso, a linguagem verbal escrita e a visual<sup>8</sup>. A charge, em preceitos sociais, é uma crítica feita não só a um personagem, mas a algum fato ou acontecimento político-social atual, por esse motivo que consideramos como um gênero cuja sua limitação é temporal.

É importante também considerarmos e abordarmos acerca do termo “quadrinização” como um recurso responsável pela construção dos efeitos de sentidos no gênero charge. Para essa discussão, duas questões são relevantes: Como esse processo ocorre na charge? E de que modo poder ajudar na construção e efeitos de sentidos no contrato comunicativo?

Segundo Márcia Mendonça (2008) a quadrinização é um recurso a partir do qual se escolhem todos os demais recursos a serem utilizados nas cartilhas educativas quadrinizadas (CQs). Em outras palavras, é a criação e/ou adaptação de qualquer gênero para a linguagem dos quadrinhos.

Levando em consideração que a imagem é um dos principais textos usados pelas mídias para concretizarem as suas estratégias comunicacionais, podemos dizer que charge, antes mesmo dos discursos conotativos sociais, político, culturais e econômicos expressos, é uma imagem que através de cada linha, cor, tensão pode formular sentidos e interpretações, por esse motivo a teoria semiótica ser tão importante para a compreensão dos elementos significantes da charge.

Portanto, considerando a importância da charge nos meios de informação, notamos que ela não é construída de forma isolada, mas através de outros discursos midiáticos. Sobre isso, Maggioni (2011) faz uma observação interessante quando diz que a capacidade comunicativa da charge é definida pelas dimensões de significação e os efeitos de sentido. Essa ideia só vem a somar com o que temos discutido em alguns tópicos desde o início da pesquisa, acerca da intencionalidade persuasiva de um texto.

---

Bakhtin (2003[1959-61/1976] propõe a ampliação da ideia de texto/signo verbal para outras linguagens, ou seja, —se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte) (p. 307).

<sup>8</sup> Bakhtin (2003[1959- 61/1976], p. 308) autoriza-nos a fazer a equivalência entre texto e enunciado, a propor que dois elementos constituem/determinam —o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção.

Ainda corroborando com essa discussão, de acordo com Volochinov/Bakhtin (1926), qualquer texto/enunciado concreto e real<sup>9</sup> que se materializa em um dado gênero do discurso, se constrói no contexto extraverbal, o qual é constituído por três elementos: **o horizonte espaço-temporal** que envolve o conhecimento físico, espacial em que o enunciado está se realizando, que é visível aos interlocutores, e o conhecimento ideológico dos falantes sobre as condutas que devem ter nesse espaço determinado; **o conhecimento e a compreensão da situação comunicativa** por parte dos interlocutores, que envolve o contexto sociocultural e os conhecimentos que os envolvidos têm em comum sobre os aspectos que estão ali envolvidos, como o tema discutido, as posições sociais de cada interlocutor etc., e por fim, **a avaliação comum da situação (horizonte axiológico/valorativo)**, ou seja, os valores que sustentam essa interação e que compõem o horizonte social, realizada pelos participantes para que a enunciação se estabeleça, constitua-se e, principalmente, seja compreendida. É, portanto, nessa compreensão que a charge, certamente, está incluída como um gênero de discurso cujas marcas maiores são a persuasão e o humor a partir da sátira, mas relacionada com esse horizonte extraverbal.

### 3.2 Definições e características do gênero charge

Historicamente, a partir do século XIX a charge passou a ter uma grande importância especialmente dentro do cenário político e religioso através da mídia da época. Com a sua herança advinda da França, o gênero charge acabou trazendo uma renovação inusitada de reverter os conceitos impostos pela aristocracia do poder (MAGGIONI, 2011). A charge, por possuir o humor como característica intrínseca, tornou-se altamente revolucionária, afinal, o Império, Igreja e o Estado sempre procuravam limitar as opiniões contrárias. Dessa maneira, que melhor meio haveria de existir para expressar o dito pelo não-dito, sem se comprometer diretamente, mas fazer a diferença no olhar crítico de um bom entendedor?

Sobre o surgimento e relevância da charge, Maggioni (2011) em sua dissertação sobre charge jornalística traz à discussão, primeiramente, o surgimento do desenho aliado ao texto na imprensa escrita, o qual precede à fotografia e era o

---

recurso mais viável no século XIX para ilustrar o que se contava. A partir de então, a ilustração vem a ser a pioneira a representar o texto de forma icônica.

Assim, aos poucos o texto icônico foi ganhando espaço e a associação de imagem com texto escrito caracterizou o que conhecemos, atualmente, por charge. Na opinião de Melo (1994) a charge:

é uma reprodução gráfica da notícia segundo a ótica do desenhista. Ela [a charge] distingue-se dos demais desenhos de humor existentes, como o cartoon e o quadrinho, justamente por se basear em facetas do real e apreender instantes que traduzem o ritmo da vida. Ela se baseia no espaço e no tempo do acontecimento e, juntamente com a caricatura, só adquire sentido no espaço jornalístico (MELO, 1994, p. 168).

Bauman (2004), partindo dessa compreensão panorâmica da charge e da vida social contemporânea, explana que a charge (re)apresenta uma “inflexão ambivalente” sobre o cotidiano fazendo referência ao aspecto multifacetado chargístico. Albuquerque e Oliveira (2008), sobre algumas características fundamentais da charge complementam que a

linguagem, interação, sagacidade, metáfora, os contornos estéticos e ficcionais do texto transcendem e refletem à luz do gênero discursivo da charge um rumo ao seu uso como suporte de tecnologia na educação, rumo da polivalência.” (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2008, p. 02)

O humor, portanto, veio contrapor e questionar as regras sociais. Nessa direção, Bakhtin salienta que

Numa sociedade estratificada, com papéis e posições tão claramente estabelecidos, a hierarquia, o poder e a ordem são recorrentes. Antes, sem tal estrutura, os elementos cômicos são recorrentes. Antes, sem tal estrutura, os elementos cômicos, presentes em rituais, eram considerados tão divinos quanto a celebração a que serviam. Com o surgimento de uma nova organização social, aqueles elementos re-apropriados para dar conta de suprir as dificuldades do povo com o novo modelo. “...as formas cômicas (...) adquirem um caráter não-oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofundam-se para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular no mundo, da cultura popular” (BAKHTIN, 1993, p. 5).

Levando em consideração a evolução da charge na sociedade, podemos dizer que a tecnologia teve contribuição para promover um espaço maior ao desenvolvido e propagação desse gênero nos meios informativos. A tecnologia surge como instrumento de atuação imperativa de uma identidade como afirmam Albuquerque e Oliveira (2008). Uma identidade, que segundo eles, agora é

multicultural e plurissignificativa, trazendo já a ideia da charge como um gênero hipertextual.

Ainda no que diz respeito à concepção de gêneros e prática social da charge, podemos dizer que embora esse gênero tenha sido criado com o objetivo de trazer o humor com temas sérios, a função dele acaba ultrapassando o objetivo meramente de provocar o riso, pois esse também pode ser visto como uma coluna de opinião, um meio recorrente utilizado a fim de fazer críticas contundentes aos fatos do cotidiano e trazer um nível de conscientização ao leitor, utilizando recursos semióticos para construção de significados multiplicativos nesse gênero (LEMKE, 2010 [1998]), já que

os significados das palavras e imagens, lidas ou ouvidas, vistas de forma estática ou em mudança, são diferentes em função dos contextos em que elas aparecem – contextos que consistem significativamente de componentes de outras mídias. Os significados [...] não são fixos e aditivos (o significado da palavra mais o significado da imagem), mas sim, multiplicativos (o significado da palavra se modifica através do contexto imagético e o significado da imagem se modifica pelo contexto textual) fazendo do todo algo muito maior do que a simples soma das partes (LEMKE, 2010 [1998], p. 456).

Assim, as imagens e palavras quando juntas, podem ensinar de forma mais eficiente como propõe Vergueiro (2009), pois os significados multiplicativos que surgem da hibridização da semiose verbal escrita com a semiose visual, amplia a compreensão de que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Nessa direção, Nogueira (2003, p. 3) acrescenta que “a charge transforma a intenção artística [...] em uma prática política, como uma forma de resistência aos acontecimentos”.

Construindo uma definição mais ampla sobre esse gênero, Nery (2008) assevera que a charge é uma narrativa que, como qualquer outra, opera com a seleção e combinação de elementos para criar uma cena; mas uma cena na qual não ocorre um desenrolar sequencial dos episódios. Para o autor, a imagem, ao contrário, muitas vezes emoldurada por uma grande massa do texto pressupõe que seu observador entenda a dramatização, supondo um começo e um desfecho temporais que, a rigor, não estão ali desenhados.

Em termos bakhtinianos, a charge é um gênero que circula na esfera jornalística, e embora ele geralmente torne possível uma rápida leitura do discurso desenhado, a compreensão não necessariamente torna-se imediata até por possuir



uma característica peculiar como a polifonia. Edson Romualdo (2000) define essa característica dizendo que na charge temos um jogo de vozes que têm o poder de fundir diversas informações em um só espaço, sempre fazendo uso do humor crítico. O autor também salienta que:

a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chargístico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor. (ROMUALDO, 2000, p. 5).

Além disso, ainda explorando um pouco a visão bakhtiniana, na análise interna da charge, é possível dizer que ela é bivocal, pois possui uma relação discursiva entre produtor e receptor. Com essa característica bivocal, há a interdiscursividade<sup>10</sup> e, geralmente, uma inversão de valores, pois é através do chargista que uma realidade (segundo suas intenções próprias) é mostrada implicitamente e/ou explicitamente (CHARAUDEAU, 2010).

Quando o chargista constrói uma charge ele não a faz baseado em ficções, mas extrai conceitos sobre um determinado assunto da sociedade tornando a charge como uma espécie de âncora. Nessa direção, o chargista, segundo Charaudeau (2008), em posição de enunciador, caracteriza os personagens em conformidade com os acontecimentos do cotidiano, utiliza cores, formas, tempo, espaço e época, satiriza fatos específicos de conhecimento público.

De forma geral, ao realizarmos a leitura de um texto chargístico, dentre outros conhecimentos, nós ativamos valores da comunidade que vivemos. Segundo Koch e Elias (2010), considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro, implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto.

Compreendemos, então, que os efeitos de sentidos responsáveis pelo discurso humorístico que uma charge pode estabelecer são vários, os quais não estão limitados apenas à promoção do humor, sem um objetivo.

---

<sup>10</sup> Em Charaudeau e Maingueneau (2002), “interdiscurso” é apresentado com um sentido restritivo (conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros) e com um sentido amplo (conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita).

### 3.3 Discurso chargístico político

Considerando o nosso *corpus* de pesquisa que é voltado às charges políticas é fundamental que desenvolvamos alguns conceitos breves sobre “política” na perspectiva da Charaudeau (2013).

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano. (s/p)

Charaudeau para definir a natureza do discurso político sustenta-o em um duplo fundamento: linguagem e ação. O discurso político, para o autor, é a fusão entre a palavra que deve gerar o político (como idealidade dos fins) e aquele dever a política (enquanto prática), ou seja, a política funciona entre uma verdade do dizer e do fazer. Podemos afirmar, baseados nos estudos de Charaudeau, que o discurso político funciona na conjunção de discursos de ideias e poder (que tanto a “verdade” e a “possibilidade” podem fazer parte deles), pensamento e ação. Assim como toda instância de comunicação que possui uma finalidade comunicacional (propor, denunciar, criticar, seduzir etc), o discurso político também possui as suas estratégias, já que “todo político sabe que lhe é impossível dizer tudo a todo momento e dizer as coisas exatamente como ele as pensa ou as percebe, pois não é preciso que suas palavras entrem sua ação” (CHARAUDEAU, 2013, pp. 104-105).

Charaudeau (2013) discute, ainda, que o político e o midiático estão estritamente ligados, mas o sistema de influências<sup>11</sup> varia conforme se enfoque um ou outro ponto de vista. Nesse sentido, para o autor “tudo isso faz com que as fronteiras entre os diferentes setores de atividades, entre os espaços de decisão, de persuasão e de discussão, e entre o espaço público e privado tornem-se mais e mais fluídas” (p. 30). Com essa ideia de que o político e o midiático estão interligados, somos levados a questionar a finalidade dos parceiros na troca, especificamente, dentro do discurso midiático do qual nosso objeto de estudo faz parte.

---

<sup>11</sup> A relação de influência que pode existir entre o político e o midiático não será vista da mesma maneira conforme nos encontremos em um ou em outro desses setores.

Para a construção da charge, por exemplo, o chargista recorre a várias estratégias de discurso a fim de produzir o efeito cômico e reflexivo (seja da linguagem/semiose verbal escrita seja da semiose visual – cores, contornos, graus de quadrinização). Nesse sentido, é válido dizer que a charge apenas será engraçada para o leitor quando ele compreender esse humor existente entre o discurso imagético e o linguístico, além de conseguir identificar as referências aos temas políticos, a figura do político utilizada na charge e/ou a situação da qual ele tenha participado e/ou fatos socioculturais e históricos do horizonte espaço-temporal no qual esse gênero está inserido

Com isso em mente, acerca das estratégias do humor crítico na produção de charges políticas, temos a primeira estratégia do discurso chargístico: o **ridículo**. Priscilla Silva (2014) postula que o humor identificado nas charges tem como instância enunciativa a crítica irônica seguida de um “humor ridicularizante”. Para essa autora “o ridículo se constrói como elemento de piada, capaz de demonstrar também alguma hostilidade em contraste à graciosidade do senso de humor” (p. 06). As charges procuram expor figuras públicas com os seus maiores erros e defeitos sobre um fato sério e apresentar de uma forma não convencional provocando, dessa forma, o riso com (através) do ridículo.

A segunda estratégia é a **intertextualidade**, uma vez que a charge jamais será autoexplicativa, pelo contrário, existem ao redor dela vários acontecimentos que a contextualizam. Nesse sentido, é necessário, por parte do leitor, a mobilização de conhecimentos prévios a respeito do contexto(s) que envolve(m) esse gênero. Segundo Kleiman (2004[1989]) o conhecimento prévio pode ser subdividido em três tipos: o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo e o conhecimento textual<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Koch e Elias (2009) e Marcuschi (2008), na perspectiva sociocognitivista da linguagem e na abordagem da Linguística Textual, apresentam outra classificação para esses conhecimentos, como: **conhecimento linguístico** compreende o conhecimento gramatical e lexical, sendo o responsável pela articulação som-sentido. É ele o responsável, por exemplo, pela organização do material linguístico na superfície textual; o **conhecimento enciclopédico** (conhecimento de mundo) é aquele que se encontra armazenado na memória de longo tempo, também denominada semântica ou social. Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo – uma espécie de *thesaurus* mental; e por fim, o **conhecimento interacional** que é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de *interação* por meio da linguagem e que permite-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional.

O primeiro, linguístico, diz respeito à capacidade que os indivíduos têm de se comunicarem em algum determinado idioma; o segundo, ainda sob a perspectiva de Kleiman (2004[1989]), é mobilizado quanto à capacidade de reconhecermos as informações expostas e o assunto tratado. O conhecimento textual, por sua vez, não está ligado a questões linguísticas ou as informações explícitas, mas é aquele conhecimento responsável pelo reconhecimento de um gênero. Todos esses, reunidos, colaboram para que ocorra a intertextualidade, afinal, a interdiscursividade, muitas vezes, é utilizada pelo chargista de forma implícita, cabe então ao leitor compreendê-la.

A terceira estratégia do discurso é a **linguagem visual**. Essa estratégia trata dos processos e elementos básicos sobre os quais a imagem se fundamenta. Por exemplo, antes de uma charge expressar uma crítica a um modelo de governo, o chargista deverá saber os planos, linhas, cores e texturas certas a usar. Nada deve ser analisado de forma isolada, mas tudo dependerá do conjunto da charge do que, de fato, expressa um significado implícito.

A charge impressa, quanto à forma, geralmente é ilustrada em apenas um quadro. Nós notamos que enquanto a linguagem verbal aparece em forma de título, legenda ou – o que é mais comum – a fala dos personagens, a linguagem não verbal (a visual) é responsável pelas caricaturas, o cenário ou, ainda, como complementa Cavalcanti (2008) “pelos balões de fala, os quais, de acordo com sua forma, podem representar fala, grito, pensamento, cochicho, etc.”(p. 12).

A quarta estratégia é o **exagero**. Sendo de origem francesa, a própria palavra “charge” denota esse significador. Característica (e estratégia) que pode ser sob um fato de caráter político e social ou do personagem. Além dessas já citadas anteriormente há nas charges a ruptura discursiva que consiste criar um final inesperado a fim de provocar o efeito cômico. Por fim, como a quinta estratégia, podemos claramente identificar a **polifonia** – significado já exposto nos capítulos anteriores – que acontece quando vários discursos com diferentes perspectivas, pontos de vista e posições ideológicas dialogam na charge para produzir o sentido que o chargista pretende transmitir.

Podemos resumir esses discursos da seguinte forma: 1) Locutor: que é o que fala; 2) Sujeito falante empírico: o produtor efetivo do enunciado e 3) Enunciador: aquele que represente o que a pessoa vê, pois o:

sujeito falante “é o autor empírico do enunciado, seu produtor [...] exterior ao sentido do enunciado”; o locutor “um ser que, no próprio sentido do enunciado, é apresentado como seu responsável”; o enunciador “um ser de pura enunciação, que determina o ponto de vista a partir do qual os acontecimentos são apresentados”. Isso lhe permite tratar o problema da polifonia. (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU 2004, p. 319)

Não obstante, os pontos de vista expressos pelos enunciados nas charges não necessariamente devem coincidir entre si, assim como quanto à opinião do locutor pode ser independente. O que deve, portanto, estar em nossa mente é que para o entendimento do gênero charge, o leitor deve recuperar as diversas vozes que nele se encontram e que, além do uso da polifonia como uma estratégia do discurso chargístico, há outras – como já vistas inicialmente – e todas elas tornam esse gênero rico e sujeito a várias interpretações e análises.

## **CAPÍTULO 4 - PRESSUPOSTOS METODÓLOGICOS**

Neste capítulo, discorreremos sobre semiolinguística, o gênero discursivo e suas vertentes, o gênero charge e o discurso chargístico político, isto é, apresentamos o referencial teórico que embasa as ideias apresentadas e que foram de suma importância para a análise de dados. Primeiramente, utilizamos os pressupostos teóricos-metodológicos da Análise do Discurso de linha Francesa, em especial os trabalhos de Patrick Charaudeau (2004, 2006, 2008) sobre Semiolinguística, aliados ainda aos pressupostos Bakhtinianos e aos recursos semióticos proposto por Lemke (2010). Arelado à discussão sobre a teoria da semiolinguística de Charaudeau, utilizamos na pesquisa a base teórica do mesmo que nos auxiliaram na discussão sobre discurso político (explícito e implícito) existente nas charges, e algumas discussões sobre gênero como prática ou fatos sociais a partir de Bazerman (2005).

### **4.1 Tipo e abordagem de pesquisa**

A metodologia de pesquisa do estudo situa-se no paradigma qualitativo-interpretativista (MOITA-LOPES, 1994, 2006, 2009), que tem por base as perspectivas da Linguística Aplicada como diálogo entre as Ciências Humanas, no sentido de compreender as representações, ações e os discursos socioculturais dos sujeitos no mundo contemporâneo.

Nesse paradigma, considera-se a pesquisa interpretativa como uma maneira de entender os significados construídos sobre/no contexto social pelos participantes de uma situação. A pesquisa, portanto, qualitativo-interpretativa, primou pela análise documental, considerando-se, nesse caso, as charges como documentos que revelam, a partir da hibridização de linguagens/semioses, ideologias sobre o discurso político presente nesse gênero.

### **4.2 Metodologia de geração de dados**

O *corpus* deste trabalho é constituído por cinco charges recolhidas da *Internet* do site **O Globo**, elaboradas pelo chargista Chico Caruso.

Decidimos focar nas charges publicadas durante as eleições de 2014, ou seja, a partir do dia 06 de julho de 2014 que foi a data liberada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para a propaganda eleitoral até 05 de outubro (data definida para o primeiro turno).

Partindo da visão de Charaudeau (2008), para quem a análise do discurso, do ponto de vista das ciências da linguagem, e em especial a análise semiolinguística, não é experimental, mas empírico-dedutiva, ou seja, o analista parte de um material empírico, a linguagem, que já está configurada numa certa substância semiológica (verbal ou visual ou multissemiótica/multimodal como é o caso das charges nesta pesquisa). Essa configuração que o analista percebe, podendo manipulá-la através da observação das compatibilidades e incompatibilidades das infinitas combinações possíveis, para determinar recortes formais, simultaneamente às categorias conceituais que lhes correspondem, realizamos a análise dos dados com base não apenas no verbal, mas também no contextual/plano situacional de produção das charges.

### 4.3 Metodologia de geração de análise

Segundo Charaudeau (2008), uma análise do discurso deve, pois, determinar quais são seus objetivos em relação com o tipo de objeto construído e qual é a instrumentalização utilizada, conforme o procedimento escolhido. Seguindo essa visão do autor, após o levantamento das charges e embasados em nosso referencial teórico, elaboramos as seguintes categorias de análise:

**Tabela 1: Categorias de análise**

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
<b>Duplo valor do ato de linguagem: o explícito e o implícito</b>	O <i>explícito</i> consiste na lógica das ações e a influência social e o <i>implícito</i> são os questionamentos responsáveis pela construção do sentido e do texto;
<b>Plano situacional e linguístico</b>	<i>Situacional</i> concernente à realidade social em que o discurso é produzido; e <i>linguístico</i> referente às características internas do discurso;
<b>Modos de organização do discurso</b>	Princípios de organização da matéria languageira expressos em quatro modos: o <i>enunciativo</i> , o <i>descritivo</i> , o <i>narrativo</i> e o <i>argumentativo</i> .

Fonte: Elaborado a partir de Charaudeau (2008).

Considerando que o nosso referencial teórico está baseado na perspectiva dialógica de linguagem de Bakhtin também foram elaboradas categorias de análise a partir das discussões desse autor que unidas às categorias anteriormente apresentadas nos auxiliaram quanto à análise dos dados, conforme a tabela 2:

**Tabela 2: Categorias de análise**

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
<b>Horizonte espaço-temporal</b>	O que pode ser conjuntamente visto, captado na sua real e viva contemplação;
<b>Horizonte axiológico/valorativo</b>	É a situação extraverbal, onde os interlocutores compreendem a entonação e expressividade do enunciado;
<b>Atitude ativo-responsiva:</b>	Toda compreensão é ativamente responsiva, ou seja, é uma forma de diálogo (autor-leitor) sendo este responsável por constituir os sentidos do texto;

Fonte: Elaboradas a partir da teoria de Bakhtin (2003 [1919]; 1988 [1934-1935/1975]; 2003 [1952-1953]; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981 [1929])



## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O capítulo, a seguir, apresenta a análise e discussão do *corpus* da pesquisa. Primeiramente, contextualizamos os dados e posteriormente passamos à análise das charges. Para essa análise, partimos dos conceitos de Charaudeau (2005) sobre *misè en scene*, os recursos semióticos utilizados (BAKHTIN/VOLCHÍNOV, 1929) e, além disso, a partir do horizonte axiológico/valorativo e a atitude ativo-responsiva presente nas charges.

### 5.1 Contextualização dos dados

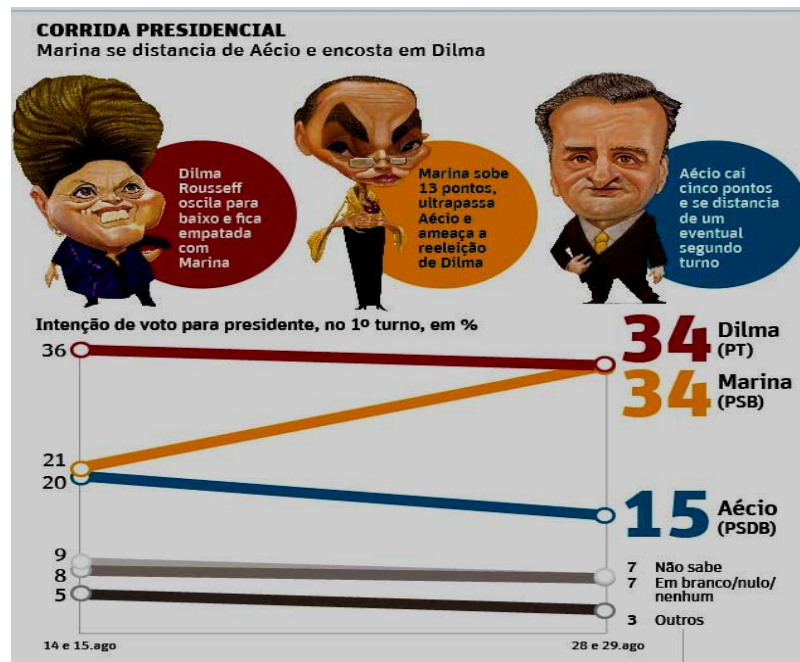
As charges utilizadas na análise foram retiradas do sitio O Globo<sup>13</sup>, e agrupadas de acordo com a questão temporal, isto é, de acordo com a data de publicação, de forma que facilitasse a análise do contexto e dos personagens. A análise do contexto sócio-histórico, nos ajuda, portanto, na compreensão de como surgem as charges, bem como na compreensão da significação dessas para além dos fatores/elementos linguísticos e multissemióticos, pois, como coloca Charaudeau (2008, p. 17) “o ato da linguagem não esgota sua significação explicitamente, mas traz implícito algo que é relativo ao contexto sociohistorico em que se insere”.

Assim, no horizonte espaço-temporal (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1976 [1926]) que nos é colocado e que envolve a pretensão de votos para o 1º turno das eleições presidenciais de 2014, vemos que, por exemplo, Dilma e Marina (Marina Silva, após a morte de Eduardo Campos em 13 de agosto de 2014, assume a candidatura à presidência pelo PSB) se destacaram, sendo que a disputa se manteve acirrada e, por esse motivo, a candidata do PSB tornou-se alvo das críticas estrategistas do governo PT e de muitos jornais e revistas, de grande circulação no País, como se ver na figura abaixo:

---

<sup>13</sup> <http://oglobo.globo.com/brasil/a-campanha-presidencial-em-10-charges-14142150>

Figura 2: 1º Turma – Eleições presidenciais 2014



Fonte: Datafolha (2014)

Os candidatos Marina Silva (PSB) e Aécio Neves (PSDB) entram na semana que antecede o primeiro turno das eleições presidenciais em empate técnico. Essa é a principal constatação feita pela pesquisa ISTOÉ/Sensus realizada entre o domingo 21 e a sexta-feira 26. Segundo o levantamento, Marina tem 25% das intenções de voto e Aécio 20,7%. Como a margem de erro da pesquisa é de 2,2% para mais ou para menos, ambos estão empatados tecnicamente na briga por um lugar no segundo turno. A presidenta Dilma Rousseff (PT) conta com 35% e só não estará na segunda etapa da disputa se houver uma **hecatombe nuclear sobre a sua campanha**. A pesquisa mostra que tanto Dilma como **Aécio acertaram nas estratégias adotadas nas últimas semanas**. A presidenta reforçou os ataques contra Marina, **exagerou na defesa de seu governo e intensificou as agendas públicas**. Com isso, cresceu 5,3% durante o mês de setembro. O senador mineiro procurou demonstrar as semelhanças entre Dilma e Marina, questionou a veracidade do que ambas mostravam em seus discursos e colocou-se como a alternativa mais segura para mudar os rumos do País. A estratégia lhe valeu um crescimento de 5,5 pontos percentuais nos últimos 30 dias. Já Marina apostou **em se colocar como vítima de uma campanha que chama de “difamatória” e adotou um tom emocional tanto em entrevistas como nos palanques**. Não conseguiu explicar as contradições de seus discursos e perdeu 4,5 pontos percentuais em menos de um mês. “Pela primeira vez se constata a situação de empate técnico entre Marina e Aécio. O senador mineiro chega na reta final com tendência de crescimento e a ex-senadora com tendência de queda”, diz Ricardo Guedes, diretor do Instituto Sensus. (Pesquisa ISTOÉ/Sensus mostra empate na reta final, 27.09.2014)<sup>14</sup>.

Vemos no excerto acima, um grande valor ideológico no sentido de promoção, por parte da IstoÉ online, à candidata Dilma como a candidata mais bem

<sup>14</sup> Ênfase adicional nossa.

colocada com intenção de votos para o 1º turno, o que pode ser observado pelas escolhas linguísticas feitas e também das expressões usadas (destaques em negrito), o que é evidência como propõe Volochinov (1986) que:

na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico [ideologia formalizada] ou vivencial [ideologia do cotidiano]. (VOLOCHINOV, 1986, p. 95).

Até então a presença de Aécio Neves não era preocupante e os cidadãos brasileiros pareciam ter de se decidir apenas entre Dilma Rousseff e a ex-senadora Marina Silva; já os outros candidatos, por outro lado, tiveram que se esforçar consideravelmente para conquistar o seu espaço na disputa e, principalmente, a confiança dos cidadãos através das suas propostas, como se ver abaixo:

**Figura 3: Intenção de voto para presidente**

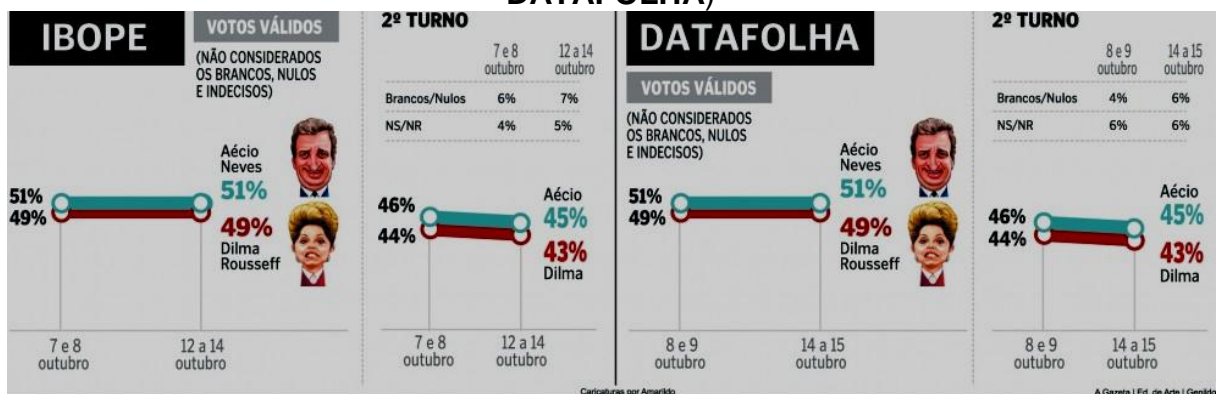


Fonte: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20140926/pesquisa-istoe-sensus-mostra-empate-reta-final/193632.shtml>

Os dados percentuais e a figura acima, nos revelam, portanto, que o contexto no qual se inicia a disputa presidencial de 2014, três candidatos parecem estar no interesse/preensão de votos do eleitor brasileiro, refletindo assim o que Bakhtin (2003) chama de posição atitude ativo-responsiva, isto é, vemos aí, em relação ao discurso desses três candidatos, uma posição responsiva axiologicamente marcada: uma posição de resposta, uma reação-resposta valorada face ao(s) enunciado(s) do outro, nesse caso, feitas pelos eleitores em relação ao que é proposto pelos três candidatos, que nesse contexto de 1º turno lideram a intenção de votos em relação aos demais candidatos.

Passado o resultado do 1º turno, Aécio Neves e Dilma Rousseff vão para o 2º turno, disputando pretensões de votos de forma bastante acirrada também, como observa-se nos resultados tanto da pesquisa Ibope quanto do Datafolha:

**Figura 4: Pesquisa de pretensão de votos para o 2º turno (Pesquisa IBOPE e DATAFOLHA)**



Feita a contextualização do horizonte espaço temporal, no qual ocorrem as eleições presidenciais de 2014 (1º e 2º turnos), apresentamos na seção que segue a análise das charges a partir das categorias de análise elaboradas.

## 5.2 Análise das charges e o discurso político das eleições presidenciais de 2014

Antes de iniciarmos a análise dos dados, cabe deixar claro que estamos estendendo o discurso político como sendo o discurso um enunciado constituído no seio de uma dada esfera social e, por isso, refratado pela ideologia e pela valoração. Materializa-se na forma de enunciado concreto, como proposto por Bakhtin (2003).

Além disso, as charges são vistas/analizadas como gêneros multimodais/multissemióticos, isto é, um gênero em que os significados não são dados apenas pelas somatórias das partes (semiose verbal mais semiose visual), mas multiplicativos (o significado da palavra modificado pelo contexto da imagem e vice-versa), construindo um todo muito maior do que a simples soma das suas partes (LEMKE, 2010 [1998]).

A duas primeiras charges analisadas são do mês de maio, antes do período eleitoral de fato começar, mas o mês permitido pelo TSE aos candidatos para realizar propaganda intrapartidária para a indicação do seu nome à candidatura dia. Durante todo este período a disputa foi acirrada, especialmente entre os candidatos Dilma (PT), Marina Silva (PSB) e Aécio Neves (PSDB). O esforço de Dilma no primeiro turno não foi apenas conquistar mais votos através do que já havia feito e seus planos para os próximos anos, mas também tirar do foco de Aécio o qual já estava certo para a disputa no segundo turno e Marina que, após a morte de Eduardo Campos, tornou-se uma ameaça à campanha de Dilma. A seguir a tabela com a relação das charges analisadas, suas respectivas datas, meios de veiculação, e o chargista responsável pela produção:

**CHARGE 1: “Em frente que atrás vem gente”**



**Fonte:** site O Globo, foto Chico Caruso (2014)

A Charge 1 (um) foi publicada no dia 12 de maio de 2014, dois meses antes da propaganda eleitoral começar (06/07/2014), com o intuito de mostrar os nomes fortes de cada partido sustentando as candidaturas dos presidentiáveis. Dentro do

cenário da disputa presidencial notamos que, em um único pleito, todos os candidatos bem colocados nas pesquisas tiveram atrelados a nomes de políticos com peso, contribuindo (in)diretamente no destino político de cada um, ou seja, Caruso não representa (visualmente) apenas o candidato X ou Y, mas de forma ideológica o peso que cada partido têm nesse horizonte cronotrópico pré-eleições.

O candidato tucano, Aécio Neves, que nunca havia disputado uma eleição presidencial tomou o lugar do ex-ministro José Serra e este declarou apoio à sua candidatura. O ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos, também foi estreado na eleição presidencial. Contou com o apoio da ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Já a atual presidente Dilma Rousseff teve a maior parte do capital político à atuação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ele certamente foi o principal cabo eleitoral da candidata petista – e continuará sendo.

A descrição dessa interpretação ora nos é dada explicitamente ora é posta por Caruso em sua representação cômica e satírica (mas também ideológica) sobre a colocação dos candidatos à presidência, isto é, nesse outro ato de linguagem vemos que a *mise en scène* se constituiu agora pelo posicionamento que cada partido – e no somente candidato – tem na corrida presidencial.

### CHARGE 2: “E daqui a pouco a gente volta”



Fonte: site O Globo, foto Chico Caruso (2014)

Já na Charge 2 (dois) vemos os elevadores traduzindo os candidatos e suas intenções de votos antes do início da campanha, ainda no fim de maio, com Dilma em 1º, Aécio Neves em 2º e Eduardo Campos em 3º lugar.

Os recursos semióticos, presentes nessas charges, reforçam o valor ideológico presente sobre o discurso político, bem como o poder desse discurso sobre o sujeito interpretante, pois as escadas, o posicionamento dos candidatos nos degraus, as cores de suas roupas, o posicionamentos deles nos elevadores e a indicação de alta e queda de cada candidato – o lado explícito da enunciação em termos de Charaudeau (2008) – reforça a ideia defendida por Bakhtin/Volochínov (1929) de que os fenômenos ideológicos não podem ser reduzidos às particularidades da consciência e do psiquismo; eles possuem uma encarnação material (som, massa física, cor movimento do corpo etc.), ou seja, eles possuem uma realidade sígnica, e dado a isso, o domínio ideológico coincide com o domínio dos signos, sendo mutuamente correspondentes, ou seja, “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos.” (p. 36).

Outro ponto a ser discutido é acerca do meio o qual as charges são veiculadas. Não encontraremos uma mídia imparcial, na verdade, o simples fato de observar modifica o observador (ou quem ou o que é observado). Dessa forma, passamos então a considerar a não imparcialidade das próprias charges. O chargista Chico Caruso trabalha no jornal O Globo desde 1984, esse, por sua vez, claramente compartilha dos ideais dos partidos da posição Direita o que torna as suas reportagens e até mesmo o posicionamento político dos contribuintes tendenciosas e contra os de **Esquerda** (posição política do partido da candidata Dilma Rousseff, PT).

**CHARGE 3:** “E, de repente, olho azul é a cor mais quente *pra* candidato a presidente”



**Fonte:** site O Globo, foto Chico Caruso (2014)

Publicada no dia posterior a morte de Eduardo Campos, dia 14 de agosto, a Charge 3 (três) revela o impacto da sua morte sobre as eleições presidências de 2014. Após sua morte, Campos foi substituído por Marina Silva, militante do mesmo partido, e a partir de então, Marina teve um crescimento considerável nas pesquisas de intenção de voto, causando a surpresa dos candidatos – o que está nitidamente exposto na charge. Marina Silva e os demais candidatos à presidência souberam também aproveitar o momento de comoção devido à morte tão abrupta do candidato, utilizando de seus ideais para conquistar votos.

Assim, as duas charges reforçam a ideia de que o discurso político presente nesses gêneros apresenta forte influência do plano situacional e do horizonte espaço temporal, para que se possa compreender os efeitos de sentidos propostos por Caruso, uma que vez estabelecida a relação constitutiva entre ideologia e signo/linguagem, observamos a postulação da dimensão axiológica/valorativa sobre os candidatados e seus discursos, isto é, não há neutralidade nos discursos, pois os enunciados, que materializam os discursos presentes nessas charges, apresentam sempre uma dimensão avaliativa e expressam um posicionamento do sujeito produtor, mas em resposta e atrelado ideologicamente ao impolítico que está presente na situação/no plano situacional, no caso, na representação que a morte de Campos teve e a utilização dos discursos desse candidato pelos demais candidatos, após sua morte. O que será também reforçado na charge seguinte:

#### **CHARGE 4: “Olho azul é a cor mais quente”**



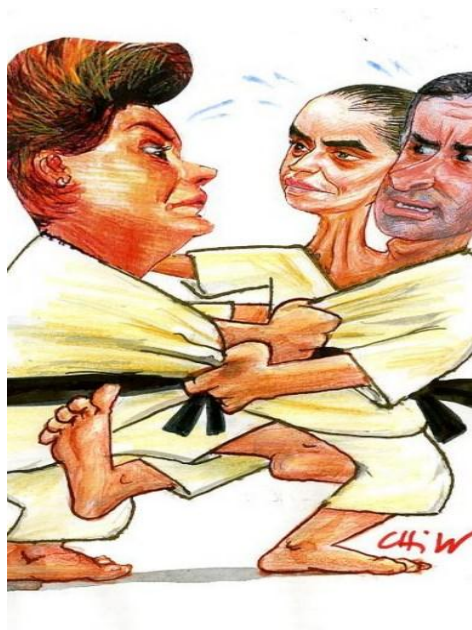
Fonte: site O Globo, foto Chico Caruso (2014)



Na Charge 4 (quatro), semelhante à charge anterior, vemos que Caruso vale-se de um recurso semiótico importante no sentido da valorização do discurso político de um dos candidatos – Eduardo Campos — nesse caso, a coloração dos olhos do candidato (azuis). Vemos que o horizonte axiológico/valorativo empregado por Caruso e sua atitude ativo-responsiva nesse caso, sobre as ideias presentes no discurso político de Eduardo campos, se refletem já no título da charge e como dito, de forma semiótica na coloração dos olhos dos três candidatos.

Assim, a charge acima, publicada no dia 16 de agosto, mostra os candidatos incorporando as ideias de Eduardo Campo aos seus discursos. A morte trágica do candidato acabou tomando uma repercussão tão grande que os outros aproveitaram para tornar dela uma oportunidade para ganhar votos através da comoção, do compartilhar os mesmos ideais de Campos. Vemos aí a incorporação do discurso de outrem – no caso de Eduardo Campos – ao discurso político dos candidatos, ou seja, um modo de organização do discurso políticos dos três candidatos que prima, de forma imbricada pela argumentação de que as propostas do candidato morto, seriam – ideologicamente falando – boas para todos os candidatos.

#### CHARGE 5: “Primeiro Turno”



Fonte: site O Globo, foto Chico Caruso (2014)

A Charge 5 (cinco) foi publicada no dia definido para o primeiro turno 05 de outubro. Na *mise en scène* do ato de linguagem (CHAREAUDEAU, 2005), percebemos que os dois candidatos, rivais (Marina e Aécio), encontram-se lutando contra Dilma. O motivo dessa representação feita por Chico Caruso talvez tenha sido para mostrar o objetivo comum da oposição: derrubar o PT. Essa era a estratégia inicial e, embora Marina e Aécio, nesse contexto sócio-histórico, isto é, no horizonte espaço temporal do momento da charge, estejam lutando, não é possível afirmar que estão unidos, o que explicitamente nos é revelado é uma simbolização referencial (CHARAUDEAU, 2008) dos dois candidatos contra o crescimento da candidata petista, e de forma axiológica/valorativa vemos Caruso mostrando uma “pseudo-união” entre os outros dois candidatos que também disputavam lugar na presidência.

Vemos nesse caso que o duplo valor do ato de linguagem, isto é, o explícito é dado pela relação imagética, pelo fato da charge apresentar apenas a semiose/linguagem visual, e o implícito, o sugerido (união de Maria e Aécio) não é algo revelado apenas por essa relação visual, mas dado sobretudo pela significação que é captada, principalmente, pelo contexto/plano situacional do ato de linguagem em que se insere a charge.

Assim, como proposto por Bakhtin (2003) e Charaudeau (2008) a linguagem não é opaca ou transparente, mas sim marcada por ideologias que revelam certo posicionamento dos sujeitos sociais, em outros termos, vemos refrações de opiniões, isto é, nas charges analisada vemos índices de valor que, segundo Bakhtin/Volochínov (1929, p. 45), têm características ideológicas que apesar de ser marcado pela voz de Caruso (de forma visual vemos a ideologia marcada de que os dois candidatos são fracos e precisam se unir para derrotar não apenas uma candidata, mas um partido forte).

Assim, vemos que o tema ideológico possui sempre um índice de valor social, como se observa na charge e por certo, todos esses índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia. Para (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929) ao chegarem aos indivíduos, esses índices se tornam índices individuais de valor, “na mediada em que a consciência individual os absorve como sendo seus, mas sua fonte não se encontra na consciência individual. O índice de valor é por natureza interindividual” (p. 45).

A quarta charge, não muito diferente a primeira, nos revela pontos interessantes a respeito, primeiramente, do contexto sócio-histórico de suas produções e do valor ideológico sobre o discurso político presente nelas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, registramos que o objetivo geral desta pesquisa foi apresentar o gênero charge como um recurso convincente e influenciador na visão do leitor sobre a questão eleitoral e o objetivo específico foi buscar descrever as estratégias discursivas utilizadas na construção do contrato comunicativo midiático no gênero e influência delas na construção do caráter crítico do leitor.

Ao longo desta pesquisa, a partir da coleta de dados, foi possível alcançarmos os objetivos considerados. Podemos evidenciar por meio deste projeto de pesquisa que o discurso político eleitoral contido nas charges analisadas, apresenta-se como um recurso convincente e influenciador na visão do leitor sobre a questão eleitoral, bem como pode ser um desencadeador de reflexões e criticidade a respeito desse discurso, estimulando nele a capacidade de observar criteriosamente os jogos implícitos e/ou explícitos no gênero, além dos discursos existentes nele, aceitando a possibilidade de várias interpretações.

No momento da análise, quando descrevemos as estratégias utilizadas, comprovamos de que todas elas são fundamentais para a compreensão e, conseqüentemente, a construção de um olhar mais crítico do leitor aos assuntos relacionados à política e, nesse caso, aos candidatos que disputavam o lugar na presidência.

Observamos que o gênero charge, discutido a partir da abordagem teórica da semiolinguística e da visão bakhtiniana de ideologia, não se apresenta apenas no plano linguístico, isto é, não é expressado morfologicamente e sintaticamente.

Os resultados nos mostraram que a charge, como instrumento fundamental na formação de leitores críticos, precisa ser visto/compreendido em seu contexto de produção e também dentro dos horizontes espaço temporal e axiológico/valorativo de seu produtor, ou seja, as charges analisadas relevaram nuances de discursos políticos que retratam/revelam ideologias postas não só nas vozes dos candidatos, mas também pelo próprio autor produtor desse gênero. Isso reforça a ideia de Bakhtin (2003) e Charaudeau (2008) de que enunciação/enunciados, materializados em gêneros e discursos não refletem passivamente (como um espelho) a situação extraverbal, já que é no extraverbal, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valoração que lhe é decorrente, e que é marcado o

implícito de cada discurso. Isso nos faz retomar a uma das questões que nortearam os objetivos de investigação: Como o meio/suporte, no qual a charge é veiculada, interfere na construção do discurso político?

Nossas charges foram retiradas do site Jornal O Globo e como percebemos não há imparcialidade, o chargista claramente compartilha dos ideais dos partidos da posição Direita, fazendo com que sejam utilizados recursos linguísticos (e estratégias) sobre os temas políticos que permitem o leitor aceitar ou rejeitar os discursos propostos. O discurso político eleitoral, portanto, é explorado no gênero chargístico com o objetivo não somente da promoção do riso, mas de alertar, reforçar o que estava sendo pauta de discussões nas eleições de 2014.

Constatamos que as charges abrem espaço para interpretações variáveis, pois o modo como foram analisados, neste projeto, é um entre vários outros que existem, e embora sejam dependentes dos horizontes espaço temporal e axiológico/valorativo de seu produtor, podem possibilitar outras interpretações, dependendo da vivência dos leitores, de seus conhecimentos sobre a situação política das eleições de 2014, e sobretudo de seus índices ideológicos e de suas apreciações axiológicas/valorativas a respeito dos discurso de cada candidato.

Embora não tenha sido o foco da nossa pesquisa é preciso salientar a relevância da prática do estudo do gênero charge em sala de aula considerando o estímulo à criticidade e o fato de acionar conhecimentos mais diversos fundamentais para a compreensão da charge, influenciando assim diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Por conseguinte, através deste trabalho, esperamos ter demonstrado a importância das charges e o leque de opções que elas fornecem à interpretação, mostrar que toda e qualquer informação expressa através de uma linguagem verbal e não-verbal há um sistema de intenções. No nosso caso, escolhemos o discurso político somado ao discurso midiático para analisar no gênero charge, mas há vários outros possíveis de discussão, não há limites interpretativos. Além disso, com o estudo e a análise feita das charges esperamos que o gênero chargístico seja um recurso mais utilizado em sala de aula pelo professor, pois a partir dele estará dando a chance de conhecer outros discursos, debater sobre a nossa realidade (e outras também) formando, dessa forma, leitores formadores de opinião.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. L. S. G. de; OLIVEIRA, T. A. Sá de. **A anatomia da Charge numa perspectiva de revolução sociohistórica**. 2º simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Multimodalidade e Ensino. Pernambuco: UFPE, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª edição. São Paulo: 2006.
- \_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. 2 ed. São Paulo-Brasília: EDUNB, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, (2003[1959- 61/1976]).
- BAUMAN. Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- BRAIT, B. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem**. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2 ed. rev. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e Argumentação na Charge**. Recife, 2008.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Traduzido por Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Ed. Contexto, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Discurso Político**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Uma análise semiolinguística do texto e do discurso**. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Uma teoria dos sujeitos da linguagem**. In: MARI, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. NAD FALE/UFMG, 2001, pp 23-38.
- \_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual.** In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (org.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso.* Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

GOMES, Rosivaldo. **As concepções de linguagem e o ensino de língua materna: um percurso.** Macapá: UNIFAP, 2011.

GURGEL, Nair. **A charge numa perspectiva discursiva.** Primeira versão, Porto Velho, Departamento de Letras, UFRO, nº 135, ano I, 2003.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa.** 2 ed. Campinas:Ed. Pontes, 2004[1989].

KOCH, V. I.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 3. São Paulo: Ed. Contexto, 2010;

LEMKE, J. **Letramento metamidiático: transformando significados e mídias.** Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, 2010.

LORDES, A. W. **O estudo dos gêneros sob três dimensões de análise: a situação de comunicação, as restrições discursivas e as restrições formais.** Espírito Santo, Uberlândia: UFES, 2011.

MACHADO, I. L. **A paródia, um gênero “transgressivo”.** In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: Categorias de Análise do Discurso.* Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 75-86.

\_\_\_\_\_. **Movimentos de um percurso em Análise do Discurso.** Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.

MAGGIONI, Fabiano. **A charge jornalística: estratégias de imagem em enunciações de humor icônico.** RS: UFSM, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In:\_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas.* São Paulo: Ed. Cortez, 2010.

MENDES, P. H. A. **Sobre o contrato de comunicação: do discurso ao debate político eleitoral.** In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas.* Belo Horizonte: NAD, FALE/UFMG, 2001, pp. 313-346.

MENDONÇA, M. R. de S. **Um gênero quadro a quadro: história em quadrinhos.** In: *Gêneros textuais e Ensino.* Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ciência em Quadrinhos: Recurso didático em cartilhas educativas.** Recife, UFPE, 2008.

NERY, Laura. **Charge: cartilha do mundo imediato.** Revista Semear. PUC/Rio, 2008.

NOGUEIRA, Andréa de Araújo. **A charge: função social e paradigma cultural**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Belo Horizonte, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos sobre o trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

PILLA, Armando; QUADROS, Cynthia Boos de. **Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa**. Artigo científico (apresentado em Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação) – Universidade Regional de Blumenau. Curitiba, 2009.

PIRES, C. Leal. **Contribuições do pensamento bakhtiniano à análise semiolinguística do discurso**. Rumores - Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, São Paulo, Edição 7, v. 1, Jan./Jun. 2010. Universidade de São Paulo – USP

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD. Santa Catarina: Tubarão, v. 14, n. 1, p. 177-194, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin**. Florianópolis: UFSC, 2010.

PRADOS, R. M. N.; SILVA, M. de F. da. **Os subentendidos das charges**. SP: Suzano, UNISUZ, 2010.

RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

ROJO, Roxane. **Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e Multiletramentos**. In: \_\_\_\_\_. ROJO, Roxane (Org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. SP: Parábola, 2013.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Ed. Eduem, 2000.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SILVA, P. C. D. **Estratégias de humor crítico na produção de charges políticase contribuições para o ensino de gêneros textuais e discursivos**. UNIFEI, 2014.

SILVA, R. V. M. **Tradição gramatical e gramática tradicional: fundamentos da gramática tradicional; leitura crítica das gramáticas escolares; análise da sintaxe do português**. SP: Ed. Contexto, 1997.



TORGA, V. L. M.; FILHO, U. C. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. Bahia, Ilhéus: IFBA E UESC, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. **O uso das HQs no ensino**. In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009.